

Câmbio não será liberado agora

■ Cronograma deverá acompanhar o avanço do ajuste fiscal e a queda da inflação

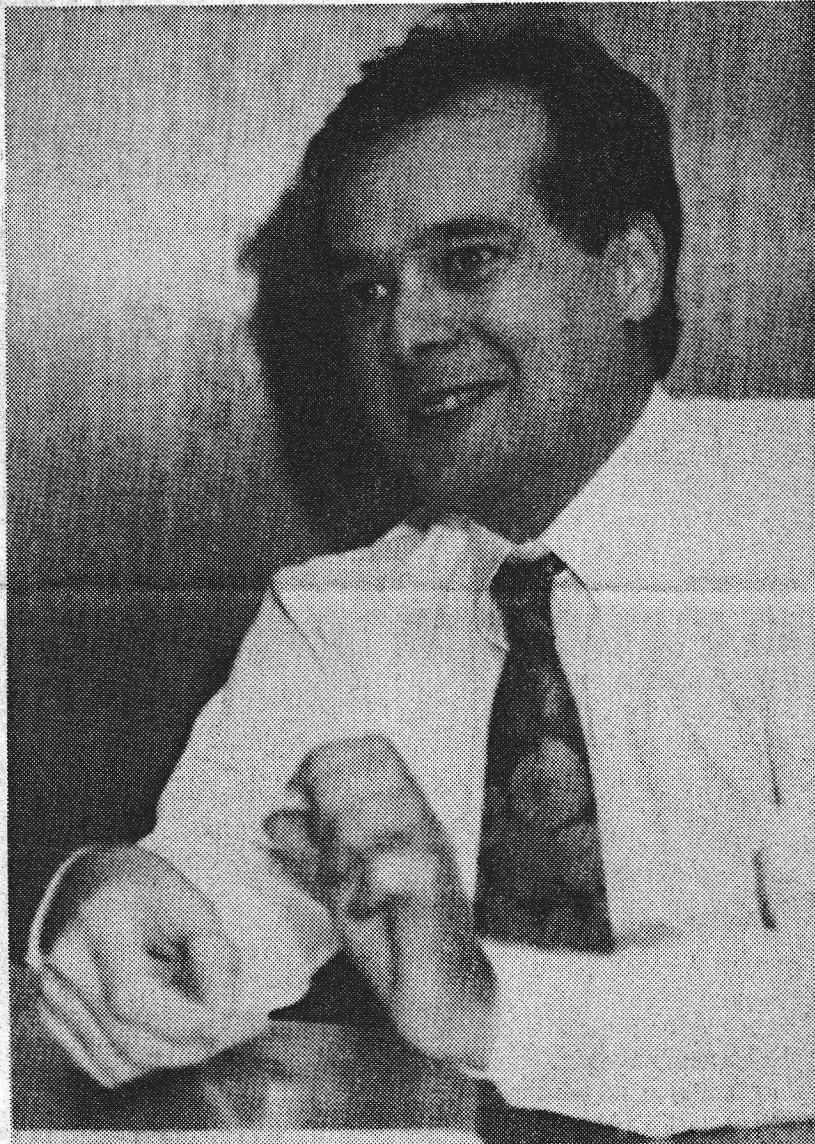
Josemar Gonçalves — 18/6/93

CRISTIANO ROMERO E RODRIGO MESQUITA

BRASÍLIA — A liberação do câmbio, uma das medidas complementares à criação da Unidade de Referência (UR) indexada ao dólar, não será feita imediatamente. O cronograma da liberação obedecerá a critérios rígidos e acompanhará o avanço do ajuste fiscal, os progressos na estabilização da economia e a queda da inflação. Uma liberação abrupta poderia desorganizar o sistema monetário, gerando uma corrida especulativa em direção ao dólar, adverte um economista da equipe do ministro Fernando Henrique Cardoso.

A medida permitirá o acesso das empresas brasileiras a linhas de financiamentos externos mais baratas, reduzindo o custo financeiro dos investimentos e ajudando na queda da inflação. Aumentará, também, o grau de exposição da economia ao dólar, o que reforçará o papel da UR como fator de estabilização dos preços. A liberação cambial reduzirá a participação do Banco Central na fixação das cotações do dólar, mas não eliminará o seu poder de fogo, garantido pelo nível das reservas cambiais (cerca de US\$ 30 bilhões).

Exportações — Em entrevista recente ao **JORNAL DO BRASIL**, o diretor da Área Externa do BC, Gustavo Franco, advertiu para o



Franco: alterações bruscas no câmbio podem prejudicar as exportações

que chama de *aventuras cambiais*. Diz ele que não há como ter liberdade cambial com contas públicas desequilibradas. O diretor do BC lembra que alterações bruscas na política cambial do país podem prejudicar um dos melhores indicadores da economia brasileira: as exportações. A principal consequência de uma entrada massiva de moeda estrangeira no país será uma sobrevalorização do cruzeiro real e a inevitável queda do poder de competição das mercadorias nacionais no exterior.

O setor exportador, que mantém hoje boa parte da economia brasileira de pé (este ano o país deverá exportar US\$ 40 bilhões), perderia o fôlego. Por isso, a liberação deverá ser acompanhada de medidas de estímulo às exportações durante a execução do plano de estabilização.

Franco observa, também, que o Brasil teve, historicamente, uma política cambial conservadora. O governo sempre monitorou com rigidez a cotação do dólar como forma de incentivar as exportações e amarrou o fluxo, com o objetivo de impedir a evasão de divisas preciosas durante a década passada para equilibrar o balanço de pagamentos do país. “Não podemos jogar na lata de lixo toda uma cultura cambial acumulada durante anos”, diz ele.